

O Pai de Eduardo, seu Antônio, hoje com 56 anos, perdeu a visão após um deslocamento de retina há 10 anos. Mas isso não o impede de continuar realizando atividades produtivas na propriedade.

Dona Lidilene, é feirante e comercializa na feira de Paripiranga/Ba, que fica a 6km da comunidade onde residem.

Eduardo, planta, colhe, cuida do gado, dos suínos e colabora com a mãe na feira.

« Eu na maioria das vezes eu vou deixar as coisas junto com ela, mas preciso voltar para cuidar aqui. Não pode sair todo mundo, se um sai o outro tem que ficar e tocar se não o bicho pega».

Mostra com propriedade que está antenado ao contexto atual quando relata sobre sua preocupação com as atuais medidas e mudanças nas políticas sociais.

«O campo é bom, mas precisava mais investimentos, mas pelo jeito as coisas só vão piorar. Essa PEC aí que congela tudo por 20 anos, é certo que vai afetar a vida da gente aqui, vai ter perda do seguro safra, custeio e outras coisas. Eles dizem que vão congelar tudo, mas na hora mesmo só sobra é para os pequenos».



Juventude e produção em família, uma necessidade para manter a vida no campo.

O Candeeiro

Ano 10 · nº2278
Novembro/2016

Aqui entra o
Simão Dias



Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

Sergipe

Realização

Apoio



Articulação
Semiárido
Brasileiro

BRASIL
SEM
MISERIA



PROGRAMA
CISTERNAS

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO SOCIAL
E AGRÁRIO



Eduardo Leal é um jovem de 25 anos que nos encanta pela sabedoria e o amor à vida no campo.

Filho de um casal de camponeses aprendeu a gostar do campo na lida e no fazer diário no pequeno sítio localizado na comunidade Lagoa Grande, município de Simão Dias. A propriedade que começou há 30 anos com meia tarefa, hoje conta com 60.

Para ele a vida no campo tem seus desafios, mas é o melhor lugar do mundo se a pessoa souber viver.

“O gostoso da vida no campo é a informalidade e tranquilidade. Você faz as coisas no seu tempo e dá tudo certo. É bom.”

Por outro lado ele destaca que se o campo tivesse mais investimento era possível que também tivesse mais jovens vivendo em áreas rurais.

“Deveria haver mais investimento nas propriedades pequenas. Por exemplo, a burocracia para os pequenos é muito grande. Temos vontade de ampliar a capacidade de água, furar um poço, mas quem pode? É caro”.

A propriedade familiar possui as características de uma área típica do campesinato: diversificação de culturas, com um vasto pomar, produção de hortaliças, nativas da região como jabuticaba e jaca, além de criação de suínos, gado, galinha e claro o roçado de sequeiro.

Eduardo vem se dedicando com mais empenho a citricultura, produção de laranja, onde tem aprendido a fazer o processo de enxertia para baratear a produção.

“Lá no sítio a minha maior fonte vem da citricultura, e a enxertia é cara se for pagar para fazer. O que eu fiz, fui aprender a fazer e agora as enxertias da propriedade são feitas por mim”.

Apesar da pouca idade Eduardo fala com propriedade da vida familiar e de como a vida no campo mesmo com tantos desafios e «falta de vontade dos grandes», como ele chama os políticos, é mais favorável que a vida na cidade.

O campo tem renda sim. Agora pra viver da vida na roça não pode ter preguiça de trabalhar. Essa ideia que o campo não dá dinheiro é muito por conta que aqui o salário não é certinho todo final de mês como quem trabalha na cidade. É por período, por safra, mas se for somar direitinho dá a mesma coisa.

